

O corpo do analista: fundamentos epistemológicos para um conceito

The analyst's body: epistemological foundations for a concept

JOÃO FELIPE DOMICIANO

RESUMO:

No interior dos discursos acerca dos elementos constitutivos e estruturantes do tratamento psicanalítico, o presente trabalho busca inscrever a função e o campo da categoria *corpo do analista*. Há análise sem corpo? De que corpo falamos? Fala-se de um corpo que se 'é', que se 'tem', que é 'produzido (e/ou desconstruído) no decurso de uma análise'? Dessas modulações tratamos neste recorte de pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: corpo – analista – prática – transferência.

ABSTRACT:

Within the discourses concerning the constitutive and structuring elements of psychoanalytic treatment, the present work seeks to situate the function and field of the category of the analyst's body. Is there analysis without a body? What body are we speaking of here? Is it a body that one "is," that one "has," or one that is "produced (and/or deconstructed)" in the course of an analysis? It is these modulations that this research seeks to address.

KEYWORDS: body – analyst – practice – transfer.

Introdução:

Diferente dos anos anteriores, apresento em nossas Jornadas anuais não o saldo do que venho pesquisando recentemente – como em 2023 com a formalização de *O seminário sobre 'A carta roubada'*¹ ou em 2024 com o *nonsense* e a lógica em Lewis Carroll² – mas trago o começo de uma *retomada* de um trabalho finalizado em 2021 e que creio já ter decantado o suficiente para ser revisitado em seus fundamentos, com vistas a dar um passo a mais. O trabalho em questão é a tese de doutorado que desenvolvi entre 2016 e 2021, no interior do Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.³

A tese teve como tema a função e o campo da noção de *corpo do analista* na experiência psicanalítica. Estamos aqui no interior dos discursos acerca dos elementos constitutivos e estruturantes do tratamento analítico, de um debate sobre suas condições de possibilidade. Ainda que tenhamos um vasto campo de investigações acerca do tema do *corpo* em psicanálise, trabalhos estes

¹ Domiciano, J. F. (2024). *Proposta de leitura da formalização presente nos textos laterais a O seminário sobre "A carta roubada"* - do *Repartitório A-A à Rede $\alpha, \beta, \gamma, \delta$* . Em *O rei está nu*, edição 4.

² Domiciano, J. F. (2025). A lógica do nonsense: Lacan, Frege e Carroll. Em *O rei está nu*, edição 5.

³ A tese contou com um estágio doutoral na Université Paris 7 – Diderot, contou com a orientação de Christian Dunker, parceiro de APOLa SP e um dos convidados das Jornadas 2025.

que remontam à subversão inaugural operada por Freud, quando estendemos ao sintagma *corpo do analista* encontramos um volume infinitamente menor. Mais ainda: a crítica epistemológica a um modelo dualista, de extração cartesiana, presente na emergência da psicanálise enquanto método de tratamento, não é acompanhada por uma maior fundamentação categorial da noção do corpo daquele que sustenta o dispositivo analítico.

Quando comecei este trabalho, em 2016, havia pouca receptividade no meio lacaniano, meio no qual, como diagnostica Danon-Boileau,⁴ encontramos representações excessivamente “desencarnadas” do analista, com um discurso que reduz as narrativas de sua efetivação *in loco* a um ideal fantasmático, uma função abstrata a intervir nos discursos em sessão. Mesmo depois de uma pandemia, quando nossa prática ordinária foi transformada e tivemos uma intensa revisão das condições de sustentação do dispositivo psicanalítico, pouco caminhamos além da dualidade presencial/remoto. Começamos por falar de corpo.

Jean-Marie Brohm, em *Ontologias do corpo*, entende a categoria de corpo como uma espécie de “*sismógrafo simbólico sensível* dos diversos sistemas de pensamento”,⁵ e isso por sua ampla presença nos discursos sociais, políticos, biológicos, etc. O diagnóstico da filósofa nos parece indicar que a complexa categoria de “corpo”, por ser uma categoria que resiste a qualquer unificação conceitual, seria daqueles termos presentes em sistemas teóricos que resguardariam uma indeterminação tal que teriam o potencial de carregar em si uma série de preconceitos e pontos obscuros de uma dada teoria. Não à toa, lanço a hipótese, este seria um dos motivos pelos quais a categoria de corpo encontra um lugar privilegiado nos discursos políticos críticos contemporâneos.

Entretanto, se estamos diante de uma categoria que resiste à unificação conceitual, tal ponto não limita, obviamente, que suas definições em diferentes sistemas teóricos *produzam* efeitos sobre os dispositivos assentados nestes – dispositivos clínicos, em nosso caso. No conjunto da história da psicanálise, distintas noções de corpo levaram à formação de práticas até mesmo inconciliáveis entre si. Para iniciar esta conversa, começamos com uma definição operacional. Partindo de uma paráfrase da fórmula clássica de *Instância da Letra*, temos a ideia de que:

1. O corpo é o suporte material do Outro.

Tal definição já traz consigo uma recusa a qualquer determinação imanente da ordem de um “si mesmo” no estatuto do corpo. Nesta leitura, o dito “corpo próprio”, em sua extrema profundidade, já é superfície de linguagem e responde por um atravessamento do Outro. Não há substância intrínseca,

⁴ Danon-Boileau, H. (2013). Entretien du 16 octobre 2012 avec Régine Waintrater. *Champ psy*, v.1, pp.9-17.

⁵ Brohm, J-M. (2017). *Ontologies du corps*. Paris: Libellus. p.40.

como bem lembra, Eidelsztein⁶ (2022). No tema da corporeidade, o “si mesmo” já é um “si Outro”. E há aqui uma distinção com a leitura de Freud desta categoria.

Como sabemos, Freud opera uma ruptura na *démarche* dualista cartesiana, ao desestabilizar o entendimento que entre o campo da subjetividade e da corporeidade haveria uma relação extrínseca, heterogênea e plenamente apartada, entre a *res cogitans* e a *res extensa*. Desde suas primeiras incursões semiológicas sobre as paralisias histéricas⁷ encontramos uma leitura da determinação corporal em uma gramática isonômica ao campo da linguagem, trabalhos cuja influência decisiva de Jean-Martin Charcot, Franz Brentano e Josef Breuer abrem espaço para a concepção de uma “estranha anatomia imaginária”,⁸ e seus processos etiológicos e transformativos. Nenhuma novidade até aqui.

De forma muito sucinta, podemos dizer que ao longo de sua obra, Freud propõe uma engenhosa articulação entre as dimensões do orgânico, físico e somático – três modos de organização e efetivação de uma lógica corporal – que produziriam efeitos sobre as noções de corpo estático, corpo dinâmico e a carne – respectivamente as noções de *Körper*, *Leib* e *Fleisch*.⁹ A posição freudiana, por esta via, não chega a romper absolutamente com uma leitura dualista, mas produz nela uma desestruturação interna.

A diferença com a proposta lacaniana está justamente na localização freudiana da imanência da excitação de órgão [*Organreizes*] como uma fonte de determinação, fonte da pulsão – e, consequentemente, fonte que cartografa as fronteiras corporais. O *corpo freudiano* tem um dentro e um fora muito bem demarcado. O que está além (ou aquém) de nossa definição operacional.

Tomar o corpo como *suporte material do Outro* é tomar sua determinação globalmente a partir da inscrição do universo do discurso. Ora, tal definição reconsidera seus limites entre um e outro (corpo sempre *entre-deux*, como aponta Green),¹⁰ entre dentro e fora, entre parte e todo, entre estático e movente, entre vivo e morto. O corpo lacaniano é radicalmente Outro: seja como imagem, alienado, deficitário, *copseificado*, incorpóreo, semicorpo, falante, muito falante! O corpo, Lacan insiste, deveria nos deslumbrar mais.¹¹

Para não nos alongarmos, se o corpo pode ser entendido como suporte material do Outro, isso não nos responde o que seria o corpo de *outrem*: deste próximo que não é tomado nem pela mera posição do outro especular (o semelhante), nem pela sua localização na instância simbólica. Aqui onde inserimos a questão do *corpo do analista*, que podemos definir como o traço parcial e radicalmente diferencial que, dialeticamente, sustenta a desestabilização da pretensa ordem deste Outro, enquanto

⁶ Eidelsztein, A. (2022). No hay sustancia corporal, Buenos Aires: Letra viva.

⁷ Freud, S. (1888). Histeria. Em *Obras Completas* v. I. Buenos Aires: Amorrortu, 1982

⁸ Freud, S. (1893). Algunas consideraciones con miras a um estudio comparativo de las parálisis motrices orgánicas e histéricas. Em *Obras Completas*. v. I. Buenos Aires: Amorrortu, 1982.

⁹ Argumento extensamente trabalhado na tese (Domiciano, 2021), e sobre dinâmica conceitual possibilitada pelo alemão, indico os Seminários de Zollikon, de Heidegger.

¹⁰ Green, A. (2004) O silêncio do psicanalista, Em *Psychê*, nº 14, p. 13-38

¹¹ Lacan, J. (1972-73). *O Seminário – Livro XX: Mais, Ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2010.

elemento disjuntivo de mediação. Tomemos tal definição com calma, mas indicamos que estamos no campo dos temas que circundam a categoria de objeto, mais especificamente, o dito objeto *a*. Em outros termos, o corpo do analista poderia ser lido como suporte material não apenas da fantasia, mas do próprio objeto – enquanto condição de fantasia.

2. Um corpo para a transferência

A transferência, desde Freud, é o meio pelo qual se poderia dar consistência, *realizar*, os elementos da neurose no curso de uma cura, posto que é “impossível liquidar algo *in absentia* ou *in effigie*”.¹² Entretanto, quando falamos, do lugar do corpo do clínico na cena analítica, encontramos duas grandes correntes: de um lado, a via inaugurada por Freud, que atenta para a presença do corpo do praticante (*Artze*) como eliciador de uma dinâmica excitatória, ligada ao campo de um regime de influência, mesmo sedução, a ser contido, ou ao menos operacionalizado pela transferência com vistas à direção da cura – eis o porquê do tema primordial da *ética*. Esta via, acompanhada por Lacan, responde também à observação de um conjunto de contraexemplos (Breuer, Jung, etc.) que atestam ao fato de que a circulação de afetos presentes na experiência psicanalítica teria na “química transferencial” um meio propício a explosões de diversas magnitudes. O paradigma do *analista distante e opaco* surge assim como um dos Conselhos [*Ratschlag*] técnicos mais enfáticos de Freud no princípio dos anos 1910, e que será posteriormente prescrito na institucionalização à qual a prática foi submetida a partir dos anos 1920.¹³

Por outro lado, temos a via iniciada por Ferenczi, que toma o corpo do analista a partir de uma retórica de acolhimento e de amparo essencial. Este corpo é lido em suas potencialidades de contenção de aspectos ditos não simbolizados, de modo tornar suportável “insuficiências do narcisismo do paciente”.¹⁴ Nesta acepção, a ênfase na presença sensível e efetiva enquanto norteadora, presença do corpo visível do analista como um possível abrigo materno acolhedor.

Estas vias representam tradições que organizam modalidades de apreensão da função do corpo do analista no escopo de sua prática. Poderíamos ainda retraduzir o lugar do corpo do clínico a partir das noções de um corpo *inconveniente* – a ser “apagado”,¹⁵ excluído ao máximo possível da cena em questão – e um corpo *continente* – que acolheria elementos ainda não simbolizados do paciente, corpo cujos parâmetros seriam condição *sine qua non* a uma reorganização psíquica destes. É preciso ir além.

¹² Freud, S. (1912). La dinámica de la transferencia. Em *Obras Completas*. v. XII. Buenos Aires: Amorrortu, 1982.

¹³ Mijolla, A. (2002). Technique avec adultes, Em *Dictionnaire International de la Psychanalyse*, Paris: Hachette.

¹⁴ Chabert, C. (2013) Le corps de l'analyste, Em *Le corps de psyché*. Paris: Presses Universitaires de France. pp. 99.

¹⁵ Lacan, J. (1955-56). *O Seminário – Livro III: As Psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2000. p.404.

Considerando a definição de que demos de partida, podemos tensioná-la com pelo menos três esferas de entendimento do “corpo do analista”. Podemos tomá-lo como:

1. corpo nas fronteiras do enlace transferencial, enquanto corpo político, portanto trazendo consigo marcas sociopolíticas que modulam cena analítica a partir dos atravessamentos pelos discursos sociais;
2. como um corpo que podemos inscrever a partir dos efeitos em seus modos de presentificação e de retirada na cena analítica;
3. e ainda um corpo torcido e distorcido, pelos fenômenos inerentes aos deslocamentos transferenciais. Temos nestas esferas de apropriação a delimitação das articulações e intersecções inerentes a uma revisão crítica do tema, e conseqüentemente de suas potencialidades.¹⁶

Como o espaço é reduzido, focarei apenas no primeiro e nos argumentos iniciais do segundo. Para bem delimitá-los, podemos retomar a noção de *corpo do analista como suporte material do objeto*, em sua localização estritamente parcial, a partir de duas figuras presentes nos seminários de Lacan: de um lado, a *feiura*, do outro, o *seio*.

No 8º seminário, Lacan insiste que no que concerne aos corpos dos analistas “*feiura* socrática dá seu mais nobre antecedente”, sendo sua posição atrapalhada por qualquer traço de encanto, e comportando consigo “um acréscimo de *grossura obtusa e de rudeza opaca*”.¹⁷ O lugar do analista, para Lacan, responde a um campo de feiura, e isso não de fato – mas como um bom provocador ele faz questão de ressaltar a ausência de beleza de seus colegas –, mas *logicamente*.

A feiura do analista, portanto, como a de Sócrates (que Nietzsche chama de refutação), é uma posição a se ocupar. A recusa de se fazer fálico, de ser o objeto reluzente e idealizado ao analisando: de se acreditar, para além da suposição inerente à transferência, no lugar de saber, poder e beleza. A origem da psicanálise passa por um deslocamento do analista positivo para sua negativa parcialização transferencial: de Breuer, enquanto o “homem das mãos de ouro” (como era conhecido na Viena do fim do século XIX), para o analista que se deixa desconstruir no processo transferencial – e há um salto de 1890 a 1913.

Já com relação ao objeto seio, temos uma interessante indicação de Lacan¹⁸ que o aproximaria do traço de estatuto do *corpo dado pelo analista à transferência*. Diferente do seio freudiano e suas derivações em outros teóricos, seio que seria uma metáfora do espaço de completude e potencial

¹⁶ Domiciano, J. F. (2021) *Corpos que escutam : função e campo do corpo do analista na experiência psicanalítica*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo

¹⁷ Lacan, J. (1960-61). *O Seminário – Livro VIII: A Transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2007. p.41.

¹⁸ Lacan, J. (1963-64). *O Seminário – Livro XI: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1985

experiência de satisfação, o seio lacaniano é conceituado como um elemento amboceptor: em outros termos, um “órgão” que faz ligação *entre dois*, ainda que não esteja *nem de um lado, nem de outro*. A “mãe lacaniana” dá o seio ao bebê: ou seja, ela oferece um pedaço de seu corpo – que o fragmenta – e que não é mais nem seu, nem do outro. A possibilidade de um lócus de indeterminação, de experiência de radical diferença intrínseca, é uma das formas de compreender o lugar do corpo do analista na cena.

Considerações finais

A partir dessas figuras da parcialização, retorno aos pontos para indicar alguns breves encaminhamentos.

Tomar o corpo nas fronteiras do enlace transferencial, é considerar o lugar no discurso em que esse corpo é designado pelas marcas sociopolíticas que o qualificam, portanto, entre um *possível* dentro e fora ao campo transferencial. Nesse sentido, falamos, por um lado, dos atributos positivos de seu lugar nos discursos de marcadores sociais de diferença (raça, gênero, classe, etnia, etc.), que apresentariam como significantes especiais, já imbuídos de posições diferenciais no campo sociopolítico. Negar tal questão, seria correr o risco de naturalizar discursos hegemônicos. Afirmar que a clínica se sustenta prioritariamente aí, também traria o risco de reduzir o lugar distintivo da experiência psicanalítica. Tensionar com a proposta que trazemos é apostar que nas fronteiras da transferência, cada analista que chega aí com seus atributos particulares, precisará se haver com o modo como ele suporta fazer-se outro, ser mesmo desapossado, separado desses no interior do dispositivo clínico.

A operação analítica transmuta um analista homem, mulher, negro, branco, amarelo em este *um analista*. Mas, dialeticamente, este *um analista* não o é sem os elementos que foram aí retirados: tal *um analista* não seria um universal *a priori* ou prescritivo, mas inclui extimamente em seu campo de ressonância aquilo que fora excluído. É do estilo de se deixar retirar – ou de “emprestar”, como diz Lacan – os traços positivos que definem sua personalidade que cada analista se inclui no discurso psicanalítico – ponto bem denotado pelo tema do objeto seio.

O mesmo vale para o debate sobre como este corpo é afetado: o tema da contratransferência, quase um palavrão no meio lacaniano, entra como uma questão que supera a simples opção binária entre o *aceitar* seu sentido de forma imanente (analista receptáculo – como entendido por Heimann e Balint) e o *recusar* seus termos. A questão maior é como conceber esses afetos enquanto elementos parciais para retornar à disjunção que localiza o analista *naquela cena* – questão que poderia ainda ser tomada como efeito da tese da imissão de Outridade. Em outros termos, como operar a partir destes afetos em suspensão – de novo na lógica do “nem, nem”.

Por fim, no que concerne ao lugar do corpo nos modos acerca dos quais um analista se “presentifica” em uma cura, poderíamos dizer que para além de dar consistência à transferência, qualificar esta parte “emprestada à operação de tais fenômenos”, a tematização *neste escopo* apresenta como esta presença é modulada nos termos de como ele se coloca aí e como se retira. Perder de vista tal dimensão, seria desconsiderar que uma análise, enquanto uma cura pela fala – portanto, de um posicionamento em ato, o ato de fala – implica a presença de um outro *próximo* para o qual esta fala se endereça e em direção ao quem outros deslocamentos afetivos orbitam.

Além da importância dos discursos sobre os modos de “retirada” do analista – inúmeros são os trabalhos sobre os dispositivos do divã e do silêncio, como elementos que contribuem para a produção do dito *espaço analítico* – temos na “presença” uma contribuição tanto à eficácia própria ao silêncio da escuta (cuja *não-ausência* se constitui como uma condição de possibilidade, como vimos em tantos tratamentos online); como um lugar eminente que a presença do corpo do analista ocupa em momentos de precário recobrimento discursivo – seja nos momentos de saltos elaborativos próprios ao curso de uma análise, seja decorrente de eventos que remetem a um desamparo sociossimbólico, eis onde entra a figura do *Nebenmensch* freudiano – o que está “ao lado”, o “próximo”, como bem descrito no *Projeto*.¹⁹

Diferente do que preconiza a leitura pós-freudiana desse lugar de amparo (como ferenczianos e afins), o analista não faz presença por sua face sensível positiva. O corpo do analista aí, mais do que uma intumescência cerosa (nos dizeres de Lacan), um “bolo de sebo” (em bom português), seria a presença intrínseca de *um* possível receptor (Outro) na base de toda enunciação daquele que fala. A presença seria esse lugar onde um particular pode estar não-ausente e ao mesmo tempo não-todo consistente a partir de uma lógica diferencial. Lacan nos convida a pensar além do *Nebenmensch* freudiano e entender que o que está amparando não é a simples encarnação sensível do Outro por um outro, mas que haja uma não-ausência no endereçamento de uma fala, em posição de siderar o Outro, “desconsistí-lo”, e assim abrir um espaço para uma via transformativa do sofrimento e do desamparo.

Bem, deixo esses marcadores como introdutórios para a retomada da pesquisa ao longo do ano.

¹⁹ Freud, S. (1895). Proyecto de psicología. Em *Obras Completas*. vol. 1, Buenos Aires: Amorrortu.

BIBLIOGRAFIA:

1. Brohm, J-M. (2017). *Ontologies du corps*. Paris: Libellus.
2. Chabert, C. (2013) Le corps de l'analyste, Em *Le corps de psyché*. Paris: Presses Universitaires de France. pp. 97-108.
3. Danon-Boileau, H. (2013). Entretien du 16 octobre 2012 avec Régine Waintrater. *Champ psy*, v.1, pp.9-17.
4. Domiciano, J. F. (2021) *Corpos que escutam : função e campo do corpo do analista na experiência psicanalítica*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo.
5. Domiciano, J. F. (2024). Proposta de leitura da formalização presente nos textos laterais a *O seminário sobre "A carta roubada"* - do Repertório A-Δ à Rede α, β, γ, δ. Em *O rei está nu*, edição 4.
6. Domiciano, J. F. (2025). A lógica do nonsense: Lacan, Frege e Carroll. Em *O rei está nu*, edição 5.
7. Eidelsztein, A. (2022). No hay sustancia corporal, Buenos Aires: Letra viva.
8. Freud, S. (1895). Proyecto de psicologia. Em *Obras Completas*. vol. 1, Buenos Aires: Amorrortu.
9. Freud, S. (1888). Histeria. Em *Obras Completas* v. I. Buenos Aires: Amorrortu, 1982.
10. Freud, S. (1893). Algunas consideraciones con miras a um estudio comparativo de las parálisis motrices orgánicas e histéricas. Em *Obras Completas*. v. I. Buenos Aires: Amorrortu, 1982.
11. Freud, S. (1912). La dinámica de la transferencia. Em *Obras Completas*. v. XII. Buenos Aires: Amorrortu, 1982.
12. Green, A. (2004) O silêncio do psicanalista, Em *Psychê*, nº 14, p. 13-38
13. Lacan, J. (1955-56). *O Seminário – Livro III: As Psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2000.
14. Lacan, J. (1957). A psicanálise e seu ensino, Em *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998.
15. Lacan, J. (1960-61). *O Seminário – Livro VIII: A Transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2007.
16. Lacan, J. (1963-64). *O Seminário – Livro XI: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1985.
17. Lacan, J. (1972-73). *O Seminário – Livro XX: Mais, Ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2010.
18. Mijolla, A. (2002). Técnica avec adultes, Em *Dictionnaire International de la Psychanalyse*, Paris: Hachette.

JOÃO FELIPE DOMICIANO

Psicanalista. Pesquisador. Sócio de APOLa São Paulo.

Doutor e Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo, com estágio doutoral na Université Paris 7.

Membro do corpo editorial de *O rei está nu*.

Autor de *A anatomia torcida dos mitos: perspectivas da antropologia estrutural à clínica psicanalítica* (2021).

E-mail: domicianojoaofelipe@gmail.com